

# V — HOMENAGENS PÓSTUMAS

## A. HOMENAGEM EM SÃO PAULO, PROMOVIDA POR VÁRIAS ASSOCIAÇÕES

Promovido pela Sociedade de Psicologia de São Paulo e pela Associação Brasileira de Psicologia Aplicada (Setor de São Paulo), realizou-se às 20,30 horas do dia 31 de março de 1964, no salão nobre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, uma sessão solene destinada a homenagear a memória do Professor Mira y López.

Aderiram à homenagem as seguintes entidades: Departamentos Regionais de São Paulo do SENAI e SENAC, Divisão de Ensino e Seleção da Estrada de Ferro Sorocabana, Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Departamento de Alistamento, Seleção e Identificação da Fôrça Pública de São Paulo, Instituto Pedagógico do Ensino Profissional, Representação da Sociedade Interamericana de Psicologia e Secção de Psicotécnica e Ensino Profissionais do D.A.E.

A sessão foi presidida pelo Professor Arrigo Angelini, que convidou para tomar assento à mesa a Senhora Alice Galland de Mira, viúva do Professor Mira y López, e Dr. Athayde Ribeiro da Silva que, na qualidade de diretor provisorio do ISOP, ali representava a Fundação Getúlio Vargas.

Convidados especialmente pelas duas sociedades organizadoras, falaram a Prof.<sup>a</sup> Noemy da Silveira Rudolfer, sobre "Mira y López, o Psicólogo", e Professor Fernando Villemor do Amaral, sobre "Mira y López, o Homem";

Fizeram ainda uso da palavra a Dra. Betti Katzenstein Schoenfeldt, em seu nome pessoal e da Associação Internacional de Psicologia Aplicada, e o Professor Sérgio Vilela Monteiro, pela Fôrça Pública de São Paulo.

Agradecendo, falaram Alice Mira, em seu nome e de seus filhos, e Athayde Ribeiro da Silva, em nome da Fundação Getúlio Vargas e do ISOP. Encerrando a sessão, o Professor Arrigo Angelini prestou a homenagem da Sociedade Interamericana de Psicologia.

Vão publicados a seguir os discursos pronunciados.

*Discurso da Prof.<sup>a</sup> NOEMY RUDOLFER*

“Foi William James, se não me falha a memória, quem disse que o ocaso do sol traz à lembrança a morte do gênio: depois de desaparecido, o seu fulgor, por muito tempo, ilumina céus e terras, com um colorido que ultrapassa os limites da expectativa... ”

Valha-me a imagem como símile desta noite: desaparecido que é Emílio Mira y López, aqui estamos nós integrados pelo dinamismo de sua genialidade, iluminados pela presença imanente em sua obra e no afeto daqueles que êle mais amou, sua espôsa, seus filhos, seus amigos, irmanados todos no preito de admiração e de amizade por aquêle que, sendo um gênio, não deixou de ser um homem simples, grande e profundamente bom.

Foi-me impôsto o tema — Mira y López, psicólogo. Desde 1944, há vinte anos sua amiga, eu preferiria falar sôbre o homem, tanto eu tenho para mim que a sua obra foi o espelho da personalidade marcante que êle foi, ainda que me seja difícil falar dêle no passado, tão presente está em mim e tão presente está hoje aqui... Mas Fernando Villemor do Amaral o fará naturalmente de forma mais acabada e melhor. Não posso, porém, deixar de situar Mira no panorama cultural de que participou tão integradamente em duas épocas históricas — antes da Guerra Civil Espanhola e depois dela. Antes do exílio e Mira y López, Cidadão da América Latina.

Antes da Guerra Civil Espanhola, Mira y López, o jovem professor de Psiquiatria da Universidade de Barcelona, diretor de um dos mais importantes centros de orientação e seleção profissional da Europa, se não o mais importante. Quanto se pode inferir de suas publicações de então — psicologia jurídica, psiquiatria, psicanálise e psicotécnica —, em que se possa sentir já a amplitude da riqueza de interêsses que o caracterizava, era o cientista de fama

internacional, à moda européia, já bastante prêso às limitações da especialização nos dois campos de sua principal atividade, a psiquiatria e a psicotécnica. Era o homem do mundo, que, embora de origem humilde, atingiu excelente situação econômico-social e cuja casa era o centro de atividades sociais da gente bem de Barcelona e dos intelectuais. Tivesse ficado êle cerrado dentro da segurança de uma sociedade um tanto estagnada, entre o bem-estar e a fama, e possivelmente fôsse roubado ao grande destino que a América Latina, e especialmente o Brasil, lhe reservavam.

Aderindo à causa da renovação dos quadros sociais de sua pátria, o desfecho da Guerra Civil o obriga a emigrar. Passando de um país a outro da América Latina, êle descobriu o Brasil, onde se fixou, para gáudio e glória nossa. E essa instabilidade de 'habitat', a perda daquela segurança de que desfrutava na Espanha desenvolveram as potencialidades científicas de Mira, sem aludir às de sua personalidade. Trabalhando com êle no ISOP, muita vez o ouvi fazer o elogio da precariedade na existência que tanto nos incentiva a criar novos ajustamentos e a progredir. Foi o seu caso. Em Psicologia, sentindo o campo virgem da ciência na América Latina, êle que era pioneiro por temperamento, não hesitou em desbravar todo e qualquer setor. A instabilidade que alcançou sua vivência pela perda de garantias — de nacionalidade, sociais, econômicas, culturais e até afetivas, deu asas ao gênio que êle era. E êle voou alto! Precariedade é a expressão verdadeira da atmosfera vital que o libertou da estagnação que ameaça a proximidade da maturidade, mesmo aos bem dotados. O drama por êle vivido só pode ser imaginado por aquêles que, como êle, no pináculo da fama e da glória, dentro da mais segura estabilidade, se vêem de um dia para outro até sem livros para atualizar-se, com a perda de uma das mais ricas bibliotecas de sua especialidade. Nada o abate, porém. Foi então que eu o conheci. E aquêle homem jovem, na fôrça de seus quarenta anos, risonha e irônicamente recomeça. Recomeça na Argentina. No Uruguai. Recomeça no Brasil. E no Brasil se fixa. Êle sente que uma grande tarefa esperava dêste lado do Atlântico uma grande pessoa. Mãos à obra, sem desfalecimentos. Lutas houve. E quantas! Mas o espírito de Mira, êsse, se libertou do precário e transitório. Tem êle tôdas as compreensões. Quem quer que em circunstâncias idênticas o procure, encontra trabalho, consôlo e — quantas vêzes! — ajuda econômica. Quem quer que, desajustado, conflitivo ou em perplexidade vital lhe peça o conselho, encontra o sorriso franco e a mão amiga. Mira é profunda e completamente humano.

É natural que tão dramáticas vivências lhe marcassem a pessoa e a carreira. A meta era o Homem, com maiúscula, e a senda uma só: redescobri-lo e ajudá-lo. Acoimam-no de versátil. Pois se versatilidade havia, era de raízes bem

plantadas em fundo e nunca desfalecido Humanismo. Estuda, atualiza-se em busca do tempo e dos livros perdidos e pesquisa. Aborda em 30 obras diferentes, livro após livro, todos os campos psicológicos pois que em todos está o homem e sua múltipla natureza: problemas atuais da psicologia, psicoterapia maior e menor, psicologia evolutiva, psicanálise e doutrinas psicanalíticas, psiquiatria de guerra, higiene mental na guerra, orientação profissional, um elaborado estudo das emoções — os quatro gigantes da alma, psicologia educacional: como estudar e como aprender, psicologia militar, psicologia experimental, as bases psicológicas da produtividade, psicologia da velhice, as vocações, psicologia do pensamento, psicologia do trabalho, do futebol... Parecia que êle sabia que seu tempo seria curto e a tarefa, ingente. Urgia estudar, pesquisar, difundir... Vítima de um momento social de grave mudança, parecia-me que Mira queria preparar nossos jovens países para vencer provável crise igual à que sofrera, em que se fazem necessárias reconstruções desde as raízes. Em 18 anos de América, êle, que consideramos um dos mais caros cidadãos da América, pronuncia cêrca de 210 conferências sôbre: técnicas psicopedagógicas, desajustados e delinqüentes, psicologia da angústia, psicologia da dialética na arte e na ciência, psicologia da recreação, da obstetrícia, psicologia no serviço social, psicologia da adolescência, da enfermagem, psicologia do trabalho, psicotécnica, orientação e seleção profissional, vocações e aptidões, psicologia do detento, a reeducação dos detentos, psicologia educacional, psicologia das relações entre pais e filhos, entre professôres e pais, a crise do estudo, terapia ocupacional, bases psicológicas da pediatria, da pedagogia, da indústria, do rádio e da televisão, do individualismo, do testemunho, psicologia das relações humanas nas emprêsas, psicologia das relações entre a família e a escola, personalidade, técnicas de estudo da personalidade, psicologia da criança, da criança e do adolescente-problema, psicologia do Estado, psicologia aplicada à odontologia, à educação sexual, os quatro gigantes da alma, a arte de amar, a psicologia das atitudes, psiquiatria, ortopsiquiatria, psicologia da velhice, medicina integral, medicina psicossomática, o psicodiagnóstico miocinético.

Onde quer que fôsse uma vez, sua presença era de nôvo e de nôvo exigida: o encontro rápido como conferencista já não bastava. Faziam-se necessários os cursos. Sentia-se que ali estava o manancial ávido de fluir, de dar-se integralmente aos que estavam ávidos de receber. Em 18 anos de América Latina, Mira realizou nada menos de 118 cursos! Abria uma perspectiva nova sôbre as bases psicológicas da geriatria, quando nos foi roubado.

E assim foi Mira: poderoso agente catalisador, dinamizador de idéias e de empreendimentos. Suas obras máximas, entretanto, não foram ainda citadas: refiro-me ao maior centro de estudos psicológicos da América Latina, ao

ISOP, centro intensivo de acurados estudos da personalidade, de orientação, seleção profissional e de psicotécnica que êle fundou, sob os auspícios da Fundação Getúlio Vargas e que tem sido uma alta escola de estudos psicológicos para todos que aí estudam e trabalham. O ISOP, por si só, justificaria uma existência. Como antiga colaboradora de Mira, falo dêsse empreendimento com o maior respeito e carinho — conheço-o bem. Da mesma forma, enternecida, quero referir-me ao seu notável Psicodiagnóstico Miocinético, precioso e esclarecido instrumento de penetração da personalidade, que forma ao lado do Rorschach com a mesma excelência genial de instrumento de prognóstico liberto de influências culturais. O P.M.K. já era uma realidade, antes que Mira escolhesse o Brasil como morada, mas foi aqui que os estudos respectivos se ampliaram e se completaram. E isso muito nos desvanece.

Não falarei dos fatos óbvios, de sua participação em congressos de Psicologia e Psicotécnica e Psiquiatria, muitas vêzes como Presidente, nem tampouco das inúmeras associações científicas de que êle faz parte, ou das honorarias universitárias que recebeu. Mas falarei, sim, que nada disso que marca tão grandiosa trajetória vital poderia ter sido realizada se Mira não houvesse encontrado Alice Mira y López. Ela foi, em sua vida, o fator máximo de reconstrução, de reambientação, de estabilidade e paz. Foi alvo e foi senda, inspiração de todos os momentos. Ao traçar o perfil do homem e do psicólogo — por que não? brasileiro — temos que prestar o nosso preito de gratidão àquela que lhe deu a motivação necessária para uma tão pujante e deslumbradora readaptação, quando tudo se perde, menos a própria capacidade. Sem Lillette, Mira teria sido grande, sempre era grande. Mas não tão grande nem tão humano, aquêle encantador amante da natureza humana e aquela tão vassaladora energia de amar. Dêle se disse: “É tão encantador que convence mesmo antes de ouvi-lo.” E de Lillette, eu digo: “Deu a Mira a força para alcançar a sua maior estrutura.” E todos diremos: Mira é árvore alta demais e frondosa demais para que a pequena distância que dêle ainda mantemos, nos dê a justa medida e a justa perspectiva. Ganhemos, pois, com o tempo tal distância o que só é possível se esta Sociedade, e outras mais, fundarem centros de estudo da obra de Mira y López. Para fazer esta sugestão, se justifica que eu fizesse uso da palavra e dá a razão melhor desta solenidade.”

*Discurso do MAJOR SÉRGIO VILELA MONTEIRO*

“A Fôrça Pública, que foi uma das pioneiras no campo da Psicologia Aplicada às atividades policiais-militares, em nosso País, não poderia ficar ausen-

te a essa justa homenagem póstuma que se presta, agora, ao seu grande mestre, Professor Emilio Mira y López.

Em 1949, alguns oficiais entusiastas tateavam na Psicotécnica, haurindo das fontes de Roberto Mange e do Dr. Mira, os ensinamentos indispensáveis para a organização de um processo seletivo. Aplicavam o Army-Test na pesquisa do Nível Mental e utilizavam os aparelhos da Sorocabana para o exame de motoristas. Evidentemente, o processo carecia de melhores fundamentos para se dizer que na Corporação já havia um Gabinete Psicotécnico. Por sugestão do próprio Professor Mira, o processo seletivo deveria ser complementado com provas de personalidade. E, a seu convite, foram matriculados em vários cursos do ISOP quatro oficiais que já se achavam no Rio cursando o INEP.

Em 1951 essa equipe teve a honra de freqüentar os cursos ministrados pelo ISOP e o privilégio de receber, diàriamente, os ensinamentos pessoais do próprio mestre.

Como não poderia deixar de ser, o padrão do nosso processo seletivo, então enriquecido, permitiu a criação do Departamento de Alistamento, Seleção e Orientação Profissional, posteriormente regulamentado por decreto governamental. Na ocasião, o Professor Mira veio a São Paulo, a convite da Secretaria da Segurança Pública, e proferiu várias conferências, participando de um seminário de debates, juntamente com outros professôres ilustres de São Paulo, e delineando de forma mais precisa os rumos da Psicologia Aplicada às atividades policiais-militares.

Em pouco tempo, os resultados estatísticos vieram confirmar a importância daquela orientação, pois os assentamentos individuais revelavam que os melhores selecionados pelo P.M.K. eram os que na vida militar chamados de "bom comportamento". Por outro lado, o número de casos atendidos pela Clínica Neuro-Psiquiátrica da Corporação decresceu consideravelmente, verificando-se mesmo que os casos submetidos a tratamento eram, na maior parte, constituídos de indivíduos que haviam ingressado na Fôrça antes da aplicação de testes.

Numa pesquisa realizada entre os candidatos aos cursos de cabos e sargentos, onde se aplicou uma bateria de testes, obtivemos uma curva com bimodalidade significativa, o que nos levou a suspeitar da presença de dois grupos distintos. Realmente, levantando as fichas individuais, constatamos que a amostra fôra constituída de indivíduos selecionados e não selecionados pelo Departamento.

Na comparação das médias, ficou evidente que o nível mental dos selecionados era muito superior ao dos não selecionados. No que se refere à personalidade, outras pesquisas, que seria moroso enumerar, permitiram constatações semelhantes, confirmando que a técnica científica imprimida ao Departamento, pelo ilustre Professor, trouxe considerável benefício à nossa Corporação.

Em 1957, o Professor Mira nos honrou com sua visita e, após inteirar-se da organização do Departamento, deixou consignado em nosso registro as seguintes palavras: "Encantado com o eficiente trabalho da Seção Psicotécnica desta Instituição. Aos colegas da F.P.E.S.P. que aplicam estes métodos, com simpatia e amizade. (a) *Emilio Mira y López* — maio 1957."

Tão auspiciosos resultados induziram o Alto Comando a designar novas turmas de Oficiais para freqüentarem cursos e estágios em tôdas as seções do ISOP, não só com o próprio Dr. Mira mas também com Dna. Alice Galland de Mira e outros professôres integrantes daquela extraordinária equipe.

O atual Departamento de Alistamento, Seleção e Identificação, totalmente ampliado, é o crivo de entrada para qualquer setor da Corporação, desde o simples soldado até às funções de nível universitário como médicos, dentistas e engenheiros. O Departamento tem ainda colaborado com outras instituições do Estado, selecionando e emitindo pareceres técnicos. A semente plantada pelo ilustre homenageado frutificou e nos permite, com satisfação e orgulho, dizer que temos arquivados perto de 32 000 PMKs, complementados com as demais provas necessárias a cada caso.

Sem sombra de dúvida, podemos ao final concluir que o Professor Mira não foi um psicólogo comum, que tendo adquirido uma gama apreciável de conhecimentos científicos assinalou a sua passagem num círculo reduzido. Ele foi homem universal, um cientista, um criador de novas técnicas, um orientador, um conselheiro, um amigo, e mais que tudo isso, um *grande mestre*, que plantou essa árvore imensa do saber no vasto campo da mente humana!

Gostaríamos, para concluir, de lembrar aquela tão apreciada citação de Goethe que o Professor Mira gostava de fazer quando se referia à seleção e orientação: "Nem todos os caminhos são para todos os caminhantes."

A êle, ao caminhante seguro, ao inolvidável mestre, o agradecimento eterno da Fôrça Pública do Estado de São Paulo."

*Palavras do Prof. FERNANDO VILLEMOR DO AMARAL*

“Estamos hoje aqui reunidos para, numa uníssona manifestação de pesar, reverenciarmos a memória de um dos mais ilustres homens do saber, figura ímpar no panorama internacional da cultura e da ciência psicológica — o prof. Dr. Emilio Mira y López.

Todos os que aqui se encontram o conheceram tanto ou mais do que eu e, por conseguinte, qualquer um de nós, como aluno ou como amigo, estaria credenciado para evocar seus méritos e enaltecer as características que fundamentaram sua personalidade. Coube, porém, a mim a honra de fazê-lo. Faça-o, todavia, não sem dificuldades, pois querendo-o como se pode querer a um amigo, é profundamente penoso aceitar a idéia de que este amigo já não está entre nós.

O homem que conheci e que nestes 19 anos nos habituamos a ver, nós bem o sabemos, era antes de tudo um homem bom que resumia em si a bondade do sábio e a sabedoria do gênio. Um homem que pelo seu elevado gabarito cultural se poderia manter à distância, mas que não o fez. E não o fez, simplesmente, porque sua formação, seu temperamento e sua filosofia de vida não o permitiam. Procurava manter-se diretamente ligado aos que dêle se acercavam, num desejo sempre vivo e autêntico de ajudar a todos independentemente de raça, filosofia ou crença religiosa. E nunca ninguém se aproximou dêle sem que tivesse recebido um pouco que fôsse. Nunca eliminou quem quer que seja por divergências de idéia ou de opinião, porque era de sua formação humanitária respeitar e considerar o próximo. Por esta razão, todos lhe reservavam a mesma consideração e o mesmo respeito que lhes era transmitido.

Quem o assistiu, quem o acompanhou através de seus cursos e conferências, poderá testemunhar a satisfação e o prazer com que êle transmitia seus conhecimentos. Quer em português, quer em castelhano, em francês como em inglês, Mira, sempre eloqüente e brilhante, encontrava a maneira fácil de traduzir, de comunicar seu pensamento, simplesmente porque era sábio e nunca fez reserva de seu saber. Tudo que tinha êle dava, pois tinha certeza de que seu saber haveria de renovar-se sempre e não temia ficar pobre. Seus discípulos ou seus alunos eram logo transformados em amigos. Tinha amigos mas não os mantinha subordinados a si ou a determinada corrente filosófica. Por esta razão os tinha em grande número e sabia desprender-se dêles, como pai amadurecido quando sente seus filhos auto-suficientes e, por conseguinte, aptos a governarem seu próprio destino no campo de suas atividades profissionais ou



na vida social. E mais uma vez aí encontrávamos nêlo o orientador sempre fiel e coerente com os princípios que o nortearam na vida profissional. Assim é que, quando adotou como lema o pensamento de Goethe — “*Nem todos os caminhos servem para todos os caminhantes*” —, certamente teria acrescentado que haveriam sempre de existir caminhos para todos os caminhantes. E com o otimismo que lhe era peculiar, oferecia oportunidades, incentivava e estimulava, mesmo à distância, porque para Mira todos eram capazes. Mas neste ponto, é que talvez, nem sempre tenha sido bem compreendido, sobretudo por aqueles que não puderam distinguir entre boa-vontade e tolerância, o dever e a obrigação.

Porém Mira, por temperamento e por formação, nunca foi homem de guardar ressentimentos ou de cultivar rancores. Não diria que não fôsse um homem agressivo, porque êle o era: sua obra, seu dinamismo, sua capacidade de ação e de realização aí estão, a cada passo, testemunhando sua agressividade condicionada e adaptada em benefício da cultura, da saúde, da higiene mental e do bem-estar social.

Nunca sobrepôs a razão às emoções. A expressão espontânea, franca e sincera de seus sentimentos também constituía uma das características marcantes de sua personalidade. Vi-o em momentos de grande alegria em que procurava transmitir a todos e sem reservas o seu contentamento ou sua satisfação, como o vi em momentos de angústia quando a dor e o sofrimento conturbaram-lhe a existência. Era sempre o mesmo Mira fiel a si próprio, autêntico em sua maneira de ser.

Aos 67 anos de idade conservava a clareza e a agilidade de uma mente sempre jovem, porque Mira nunca foi um homem velho. Tinha seu conceito de velhice e seguia-o com a mesma honestidade dos conceitos e da filosofia que nortearam sua vida. E hoje, tendo todos aqui por testemunha, pergunto a mim mesmo, com o respeito e a consideração que êle me soube transmitir, se seu conceito de velhice não teria ficado em parte abalado com a doença que há uns meses atrás o surpreendeu. De minha parte confesso que não saberia ver Mira y López delimitado em suas atividades, numa vida sedentária, sem calor, sem dinamismo, sem entusiasmo...

Mira se foi. Que a memória do grande homem nos conforte no vazio de seu lugar.

Por tudo quanto êle fêz de bom, por tudo quanto êle nos deu de si, que Deus o guarde.”

*Palavras da Dr.<sup>a</sup> BETTY KATZENSTEIN*

“Em 1928 teve lugar em Utrecht, uma pequena cidade universitária na Holanda, um congresso internacional de psicotécnica, ou, como dizemos atualmente, de psicologia aplicada.

Nesse congresso internacional, numa época em que a psicologia não se avolumara ainda como em nossos dias, 175 psicólogos se encontraram, convivendo entre si, estabelecendo contatos pessoais, e houve discussões frutíferas entre o grupo inteiro ou em círculos menores, coisas essas que se tornaram impraticáveis em nossos dias, dada a enorme freqüência nesses congressos.

Naquela época eu era estudante do 1.<sup>o</sup> ano e êste congresso constituiu uma experiência que muito marcou minha carreira como psicóloga. Lá estiveram ainda Pavlov, Stern e tantos outros que mais tarde se projetaram na história da psicologia depois da 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial. E foi nesse meio que encontrei Mira pela primeira vez, Mira brilhando, Mira amigo de todos, Mira cintilante de vivacidade, Mira, o espanhol.

Além de psicólogo, Mira já era médico formado, tendo sido, durante uns 10 anos, diretor do Instituto de Orientação Profissional de Barcelona, trabalhando como diretor da seção de psiquiatria da Faculdade de Barcelona. As relações profissionais e de amizade, encetadas então, provaram ser fortes e perduraram. Encontramo-nos de nôvo, anos mais tarde, ambos exilados, êle por ser republicano convicto, eu como refugiada de um regime totalitário, num ambiente estranho para ambos, na América do Sul. Nesse primeiro encontro após uma década era o passado europeu que nos ligava, mas já se ia esboçando um futuro em comum: a colaboração no terreno da psicologia aplicada num país sul-americano no qual criamos raízes: o Brasil.

Mira, que elaborou o teste PMK, o “teste das duas mãos”, como também o chamam, possuía uma personalidade de duas facêtas, que, entretanto, se uniam de modo tão impressionante, que criavam uma só personalidade. Êle era impulsivo e de confiança a tôda prova, brilhante e sociável, sem deixar de ser solitário. Seu lugar de luta era sempre o mesmo, não renegava o seu passado, mas sempre ávido de novidades.

Como todos os psicólogos, também êle se sujeitava à aplicação de testes. Assim, aplicaram-lhe uma vez o teste de Helena Antipoff, “As Minhas Mãos” e temos diante de nós o resultado, resumido em uma só frase: “Trata-se de uma personalidade privilegiada sob todos os pontos de vista.”

Uma colega suíça, a prof.<sup>a</sup> Francisca Baumgarten-Tramer, ao ter conhecimento do falecimento de Mira, me escreveu o seguinte:

“Mira, que era muito sociável e social, ambicionava criar uma sociedade na qual deveria prevalecer a liberdade e a justiça... Como colega, Mira era insuperável, sempre disposto a ajudar os outros; êle se preocupava com o destino daqueles colegas que eram menos favorecidos pela sorte.”

Depois do advento do nazismo e a eclosão da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, não havia mais congressos internacionais. Somente depois de um intervalo de 15 anos a Associação Internacional de Psicologia Aplicada realizou seu 1.<sup>o</sup> congresso. Como sempre, Mira estava presente, submetendo trabalhos, estimulando trocas de idéias.

Mira foi um dos fundadores dessa Associação e malgrado as grandes distâncias que êle teve que vencer, e as dificuldades financeiras, assistiu a todos os Congressos de Psicotécnica com exceção do de Copenhague em 1961. Na sua pessoa, a Associação não perde somente um dos seus fundadores, como um dos membros mais ativos, talentosos e nobres.

Como membro do Comité Directeur de l'Association Internationale de Psychologie Appliquée, trabalhei em vários congressos junto com Mira — e como membro daquele comitê, fui incumbida de transmitir a vocês e à sua espôsa as expressões de profundo pesar daquela sociedade que sempre sentirá sua falta.

Impossível imaginar-se um congresso sem a participação de Mira. Foi seu desejo estar também presente no XV Congresso Internacional dêste ano, a realizar-se em agosto, em Ljubljana, presente não somente na memória de todos, presente, também, através do seu trabalho, de modo que incumbiu a sua espôsa e colaboradora do nobre dever de apresentar um trabalho seu nesse conclave.

Mira sempre queria mais, Mira sempre queria ir para a frente, Mira sempre queria dar, e gostava imensamente da vida, da vida familiar, da vida profissional e da convivência com amigos e colegas.

Êle que nos deixou tão cedo, escreveu um dia, numa série de artigos para a América Latina, um artigo intitulado “Vale a pena viver?” Acho eu que citar algumas sentenças dêste artigo que recortei tempos atrás é a melhor maneira de terminar esta alocução dedicada a um amigo, a um colega e psicólogo, a uma personalidade cuja existência muito deu àqueles que com êle conviveram, trabalharam e colaboraram e entre os quais eu me coloco:

“... o que importa não é o que se consegue, mas o que se pretende; não é o que se colhe, mas o que se semeia; não é o êxito, mas a *atitude*. Porque a intenção, a semeadura e a atitude dependem de nós, enquanto o ser bem sucedido ou não obedece a múltiplos fatores, em sua maior parte alheios à nossa vontade...”

*Centro de Estudos e Pesquisas Emilio Mira y López*

Ao ensejo da solenidade de homenagem póstuma ao Professor Mira y López, foi fundado, em São Paulo, o Centro de Estudos e Pesquisas Psicológicas Emilio Mira y López. A ata de fundação foi lida pelo Professor Fernando de Villemor Amaral e assinada por todos os presentes.